

rior incumbe aos que pertencem à casa dos quarenta. Aos anciãos é que cabem as relações com as comunidades vizinhas.

À diferença de Fourier, pobre inquilino numa mansarda, Owen, para realizar tudo isso, não precisa correr atrás de protetores e doadores, a pedir esmolas e fé nos seus projetos. Tem êle uma fábrica própria em New Lanark, onde pode experimentar, por assim dizer, em casa, o seu sistema de reforma universal, oferecendo a seus operários e a seus filhos o meio aprazível necessário para a fabricação de caracteres bons.

A aldeia escocesa que cêrca a fiação e por êle adquirida como um anexo da fábrica, tem agora de se tornar um pequeno reino da harmonia, onde, graças ao bom exemplo, à vigilância e a brandas admoestações, se poderá transformar uma corporação de beberrões numa sociedade exemplar. Para êste fim, logo depois de sua chegada, manda chamar pedreiros e carpinteiros para derribar as míseras choupanas do operariado. Dentro de pouco tempo, os moradores de New Lanark chegam a possuir casas novas regulares e limpas. Dalí por diante, homens contratados por Owen, varrem diariamente as ruas e limpam as fossas onde se despeja o estêrco.

O êxito parece, de fato, confirmar que o homem, realmente, não é senão o mero produto das circunstâncias em que vive e que, para indivíduos desleixados e beberrões se tornarem trabalhadores esmerados, basta-lhes apenas verem adequadamente transformadas as condições exteriores de sua vida. New Lanark não passa tão somente a ser uma fábrica modelo, mas também o modelo duma sociedade exemplar, uma "Arcádia industrial".

Basta, outrossim, que esta tentativa seja coroada de êxito para que homens ricos e poderosos, personalidades proeminentes que não teriam deixado o pobre Fourier transpor as suas portas, acorram por si mesmos a New Lanark e coloquem sua fortuna à disposição de Owen, em prol da reorganização harmônica do mundo.

Entre os hóspedes ilustres de New Lanark, figurou uma vez, até, o grão-duque Nicolau da Rússia, o futuro tzar Nicolau Primeiro. Demorou-se dois dias inteiros em casa de Owen e, à despedida, fêz-lhe francamente a seguinte proposta: "Siga comigo para a Rússia com dois milhões de homens! Ponho à sua disposição tudo o que fôr preciso para criar, no meu país, colônias harmônicas do tipo destas aqui!" Além do pretendente ao trono russo, apareceram os arquidukes João e Maximiliano da Áustria e uma multidão de embaixadores, nobres e sábios de todos os países do mundo, que, todos, admiraram Owen e sua obra.

Êste homem, que podia fazer a demonstração de sua doutrina reformadora universal numa fábrica de sua propriedade, não devia encontrar também dificuldade alguma quando recorreu a uma subscrição pública para obter os recursos necessários à fundação duma nova colônia harmônica. Dentro do mais curto prazo, foram subscritas cincoenta mil libras esterlinas e Owen pôde começar a transformar na mais harmônica de tôdas as colônias uma localidade situada nas proximidades de sua aldeia industrial e que até então, no antigo mundo corrupto, se havia chamado Motherwell.

A felicidade persegue aquele que está feliz, e, ao que tem dinheiro, atira-se mais dinheiro. Mal principia Owen a fazer a felicidade da aldeia de Motherwell de acôrdo com seus planos, e já se vê assediado com novas ofertas sedutoras, a uma das quais não se sente capaz de resistir. Essa proposta vem do Novo Mundo e solicita a Owen a aplicação de seu projeto não mais na velha Europa e sim em Indiana, no lugar onde a seita dos "Rappistas" já houvera tentado obra semelhante, recorrendo aos métodos imperfeitos peculiares ao gênio de sectários religiosos.

Êsse esperançoso território, com o lindo nome promissor de "New Harmony" é destinado a servir de prelúdio à salvação do mundo inteiro, porquanto vai ser dirigido por um homem que não quer esperar o melhoramento da humanidade entregando-se a um êxtase quiliástico, mas pretende realizá-lo industrialmente, segundo os princípios da técnica moderna.

No ano 1825, comparece à Câmara dos Representantes de Washington um senhor cujo rosto ossudo, anguloso, com um saliente nariz, em nada lembra o dum apóstolo. Todavia, nos olhos azues escuros, brilha a fôrça da convicção que o anima, quando, num discurso arrebatador, expõe aos representantes do povo americano seus planos de regeneração da raça humana. Em "New Harmony", assevera Owen, vai principiar para a humanidade uma era de paz e de felicidade. Mercê das novas condições que têm de determinar lá o desenvolvimento corporal e espiritual do homem, êste alcançará a um grau de fôrça, de virtude e de inteligência que ultrapassa a qualquer imaginação. "Uma associação dessas não pode também formar-se isoladamente, sem que desperte, na sociedade, o desejo de criar outras. Terão, por conseguinte, de se multiplicar rapidamente. A índole e a conduta dos indivíduos formados conforme o novo sistema não tardarão, por sua vez, a fornecer a prova viva da superioridade desta nova situação sôbre a antiga e assim, a antiga sociedade não hesitará em desaparecer".

Owen não se cansa de elogiar essa nova sociedade-modelo, "na qual a pobreza e a deshumanidade são desconhecidas, em que todos os